

Unidade de Apoio

OBSERVATÓRIO EMPRESARIAL

BOLETIM ECONÔMICO

Fevereiro 2010, Ano2 – Número 4



2010



EXPEDIENTE INSTITUCIONAL 2010

Conselho Deliberativo - Pernambuco

Banco do Brasil - BB

Banco do Nordeste do Brasil - BNB

Caixa Econômica Federal - CEF

Federação da Agricultura do Estado de Pernambuco - Faepe

Federação das Associações Comerciais e Empresariais de Pernambuco – Facep

Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Pernambuco - Fecomércio

Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco - Fiepe

Instituto Euvaldo Lodi - IEL/PE

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae

Secretaria de Desenvolvimento Econômico Estado de Pernambuco - SDE

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Estado de Pernambuco – Senac/PE

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial-Senai/PE

Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - Senar/PE

Sociedade Auxiliadora da Agricultura do Estado de Pernambuco

Universidade de Pernambuco – UPE

Presidente do Conselho Deliberativo Estadual

Ricardo Essinger

Diretor Superintendente

Nilo Simões

Diretora Técnica

Roberta Correia

Diretor Administrativo Financeiro

Gilson Monteiro

Unidade de Apoio Observatório Empresarial

Angela Miki Saito – Gerente

Ana Cláudia Arruda (texto e responsabilidade técnica)

João Alexandre Cavalcanti

Apresentação

1. A Economia Brasileira

1.1. Produção Industrial

1.2. Comércio Varejista

2. O Comportamento Recente da Região Nordeste

3. A Economia de Pernambuco e as Micro e Pequenas Empresas

3.1. O Comportamento recente do Comércio Varejista

3.2. A Atividade Agrícola

3.3. Exportação

3.4. Importação

3.5. Evolução do Emprego Formal no Pós-Crise

4. Considerações Finais

Boletim Econômico 2010

Fevereiro de 2010, Ano2- Número 04

1. APRESENTAÇÃO

O Boletim Econômico é uma publicação trimestral do Observatório Empresarial do SEBRAE-PE, que tem por objetivo apresentar análise sumária e informações sistematizadas sobre a conjuntura e as tendências da economia do Brasil, da Região Nordeste e do Estado de Pernambuco, enfatizando as condições reais dos indicadores macroeconômicos que repercutem sobre as decisões dos agentes econômicos, tais como: nível de ocupação, produção, comércio exterior e tendências prováveis de curto prazo.

Este Boletim é de responsabilidade técnica da economista Ana Cláudia Arruda¹ dos quadros do SEBRAE encarregada de sua redação e busca oferecer aos agentes econômicos, em especial, micro e pequenos empresários, informações úteis para as tomadas de decisões. O Boletim tem como base fontes secundárias de dados e como principais fontes de pesquisas instituições nacionais destacadas como o IBGE, o Ministério do Trabalho - MTE e o Banco Central (Boletim FOCUS e Boletim Regional do BACEN), entre outras.

1. A Economia Brasileira

O ano de 2009 que começou sob o dramático signo da recessão foi finalizado com robustos sinais de recuperação da economia brasileira. Impulsionado pela continuidade do fortalecimento da demanda interna e pela recuperação, mesmo que lenta, da economia mundial o Brasil concluiu o ano de 2009 com uma trajetória positiva nos seus principais indicadores econômicos.

Os efeitos severos da crise financeira mundial estão ainda sendo contabilizados. A estimativa do FMI é que o PIB dos EUA, no ano de 2009, seja de -2,5%, em relação ao ano de 2008. A Rússia amargou no ano de 2009 uma queda de -9,0% no seu Produto Interno Bruto. Com exceção da China e Índia que no 2009 deram um “show” de competência no gerenciamento da crise, com taxas de crescimento de respectivamente 8,7% e 5,6%, todas as demais economias relevantes do planeta amargaram resultados

¹ Analista do Observatório Empresarial do SEBRAE-PE

negativos. Sem sombra de dúvida a China continuará sendo o grande motor de funcionamento da economia mundial e todas as atenções da política internacional nos próximos 20 anos continuarão voltadas para aquele país. Os Eua, Japão, Reino Unido e os países da Região do Euro deverão manter atividade econômica com baixo dinamismo (contração da demanda e baixo nível de geração de empregos), nos próximos dois anos (2010 e 2011), conforme projeções do FMI (ver tabela 1).

Tabela 1
Taxa de Crescimento do PIB (Ano sobre Ano)

	2008	2009	2010	2011
MUNDO	3	-0,8	3,9	4,3
EUA	0,4	-2,5	2,7	2,4
REGIÃO DO EURO	0,6	-3,9	1	1,6
JAPÃO	-1,2	-5,3	1,7	2,2
REINO UNIDO	0,5	-4,8	1,3	2,7
RUSSIA	5,6	-9	3,6	3,4
CHINA	9,6	8,7	10	9,7
INDIA	7,3	5,6	7,7	7,8
BRASIL	5,1	-0,4	4,7	3,7
MEXICO	1,3	-6,8	4	4,7

Fonte: World Economic Outlook-FMI, January 26,2010Nota: Os dados relativos ao ano de 2010 e 2011 são projeções do FMI- Fundo Monetário Internacional

As expectativas para 2010 é que a economia brasileira retome e consolide um novo ciclo de crescimento econômico. As projeções do FMI para o ano de 2010 é uma taxa de crescimento do PIB para o Brasil de 4,7%. Trata-se de uma taxa de projeção conservadora de crescimento, se comparada com outras fontes a exemplo do Banco Central do Brasil.

Gráfico 1
Brasil - Crescimento do PIB



Fonte: IBGE e Banco Central

Além das medidas macroeconômicas adotadas pelo Banco Central que mantiveram a economia aquecida, outras variáveis afetaram positivamente a retomada da economia brasileira, com destaque para :

a) *inflação baixa e controlada, que permitiu defender o poder de compra e o consumo da população;*

b) *crescimento efetivo do PIB (5,60% em 2008);*

c) *política de crescimento do Salário Mínimo Real, que tem subido sempre acima da taxa de crescimento do PIB, estando hoje cerca de U\$ 210,00, além dos acréscimos legais de 13% salário e férias de 30 dias, vale refeição e vale-transporte;*

d) *políticas públicas compensatórias de renda, como o Vale Educação, PETI, Vale Alimentação e a atual “Bolsa Família”.*

Tais medidas afetaram positivamente os grupos de baixa renda de grande “propensão marginal ao consumo”, sobretudo de “bens de salário”, particularmente, **alimentos, medicamentos, produtos de higiene doméstica de cama e mesa, material de construção**, etc. que são em grande parte de fornecimento local, com potencial de gerarem mais fortes efeitos sobre os mercados das MPE’s.

1.1. Produção Industrial

A atividade industrial foi o setor no Brasil mais afetado pela crise financeira mundial desde a eclosão da crise e durante o decorrer do ano de 2009. De acordo com a PIM- Pesquisa Industrial Mensal- Produção Física, no acumulado do ano de 2009, se confrontado com 2008, ocorreu uma queda de -7,4% na produção industrial. É a maior queda desde o Plano Collor.

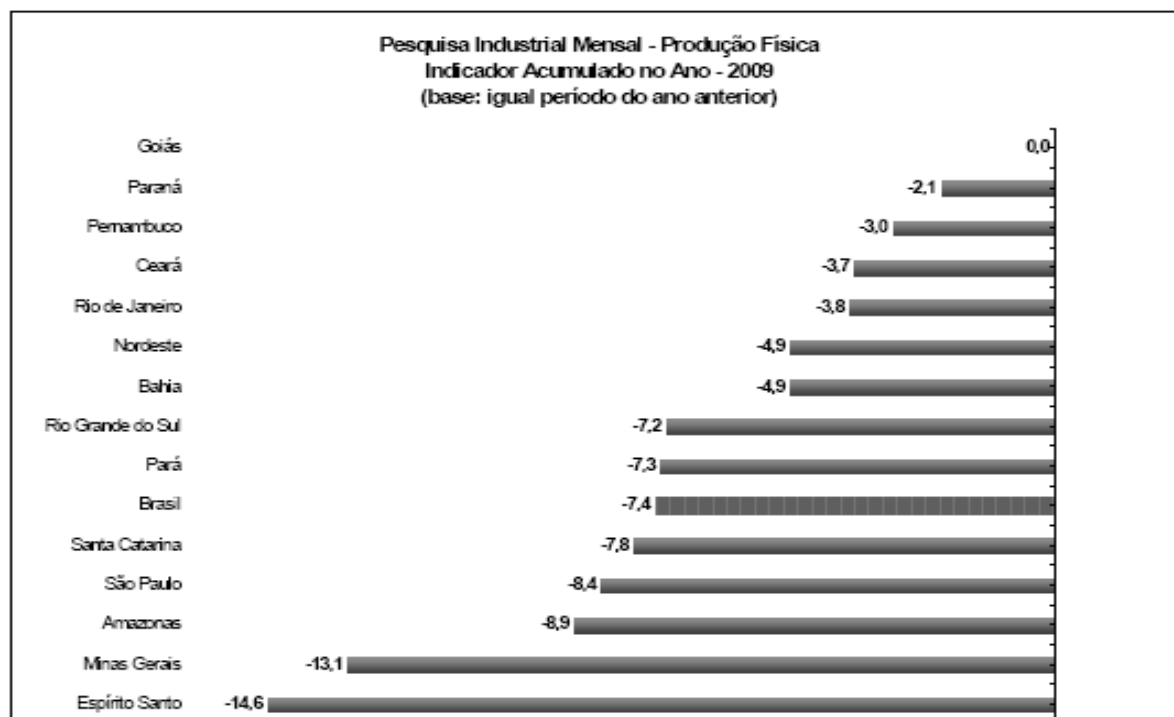
Os Estados mais vinculados à atividade de exportação de *commodities* (minério de ferro e produtos siderúrgicos) tais como Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina foram o que apresentaram forte queda na produção industrial, o que pode ser constatado no gráfico a seguir.

Na Região Nordeste, o indicador acumulado do ano de 2009 apresentou uma retração de -4,9% em relação ao mesmo período de 2008.

As perdas recaíram sobre a *indústria de refino de petróleo e produção de álcool, metalurgia básica, máquinas, aparelhos e materiais elétricos e química.*

No Estado de Pernambuco o recuo na produção física industrial do ano de 2009 em relação ao ano de 2008 foi de -3,0% . Os impactos negativos foram *em máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-17,2%), borracha e plástico (-12,3%) e produtos químicos (-4,7%)*. O setor de alimentos e bebidas teve uma taxa de crescimento no período de 2,6% em função da produção de refrigerantes.

Gráfico 2



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

1.2. O Comércio Varejista

A atividade comércio varejista no Brasil e em quase todos os Estados da Federação foi a atividade econômica que se mostrou mais resistente à crise. Este comportamento decorreu dos crescentes esforços do governo em sustentar o consumo doméstico (consumo de massa). As vendas do comércio varejista, no período de janeiro a novembro de 2009, comparativamente ao mesmo período em 2008, cresceram 5,6%, com destaque para artigos de uso pessoal e doméstico (21%), seguido de livros, jornais, revistas e papelaria (10,5%) e automóveis e motocicletas (10,4%), conforme Tabela 2.

Tabela 2 - Comércio Varejista-Nordeste

Setores	Variação % no período			
	2008	2009		
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	7,9	2,1	2,3	5,6
Hiper, supermercados	3,4	3,0	3,0	8,6
Móveis e eletrodomésticos	14,7	4,4	4,2	3,3
Livros, jornais, revistas, papelaria	14,5	7,9	7,1	10,5
Eq. p/ esc., inform e comunicação	19,5	4,0	7,3	-0,3
Outros art uso pes e doméstico	19,4	1,3	1,0	21,0
Comércio ampliado	8,8	3,8	2,8	7,1
Automóveis e motocicletas	10,9	6,6	5,6	10,4
Material de construção	12,2	2,2	4,2	-4,3

Fonte: IBGE
1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

2. O Comportamento Recente da Região Nordeste

A região Nordeste nos últimos 2 (dois) anos cresceu mais que a média nacional, sobretudo em decorrência dessas políticas públicas compensatórias de renda supra-citadas, onde se concentra perto de 50% da população abaixo da linha pobreza. Para 2010 espera-se que cresça também nesse mesmo ritmo, sendo a razão principal o impacto positivo das políticas compensatórias de renda, como também os pesados do PAC - Plano de Aceleração Econômica, a exemplo de:

- a) *Transposição de Bacias do Rio São Francisco, com investimentos globais de U\$\$.5,4 bilhões dos quais 2/3 até 2010;*
- b) *Duplicação da BR 101, afetando mais diretamente RN, PB, PE e AL.;*
- c) *Investimentos da Petrobrás, não só em PE com a Refinaria Abreu e Lima, mas com outros investimento pesados em outros estados como, no Ceará, com o gasoduto e terminal de fornecimento de gás, de alta capacidade já construído até Pecém;*
- d) *Gasoduto de integração do Espírito Santo até o Pólo de Camaçari /Bahia; havendo previsão de novas Refinarias de Petróleo no R. G. do Norte, no Ceará e no Maranhão;*
- e) *Programa Habitacional do Governo para construção de 01(hum) milhão de novas residências, com impacto mais forte no Nordeste, foi afetada mais positivamente por essas medidas.*

3. A Economia de Pernambuco e as Micro e Pequenas Empresas

A indústria foi no Nordeste brasileiro uma das principais atividades favoráveis para contribuir para a redução do modelo de concentração dos investimentos industriais no Brasil. Iniciada na década de 70 a estratégia de industrialização da economia regional, liderada pela SUDENE, embora não tenha sido capaz de gerar efetivamente uma dinâmica interna setorial e multissetorial integrativa entre as diversas unidades federativas da Região Nordeste, foi capaz, de gerar pólos de modernidade atrelados à dinâmica nacional, em particular ao Sudeste do país.

O exemplo de maior sucesso na história do desenvolvimento econômico regional da Região Nordeste é a indústria petroquímica baiana.

O mesmo não pode ser dito com a economia pernambucana. Apesar da diversidade da estrutura produtiva industrial do Estado de Pernambuco, não houve, ainda, no Estado de Pernambuco a consolidação de um setor industrial auto-sustentável articulado e intensivo em tecnologia. Na realidade, o que vem ocorrendo ao longo dos últimos anos com a economia pernambucana é uma forte tendência ao crescimento das atividades terciárias (comércio e serviços), que respondem por mais de 50% do PIB pernambucano.

Todavia, a partir do primeiro quinquênio do ano 2000, o Estado de Pernambuco passou a receber novos investimentos industriais, chamados investimentos estruturadores. Estes investimentos tem como conseqüência atenuar os desequilíbrios inter e intra-regionais e deverão dar uma nova configuração à atividade industrial do Estado. O valor total desses investimentos estruturadores, em processo de implantação, é de US\$ 20 bilhões, e contemplam investimentos industriais e de infra-estrutura, com destaque para a Refinaria Abreu e Lima, o Estaleiro Atlântico Sul, o Pólo Petroquímico de Suape, a Ferrovia Transnordestina e a Transposição do Rio São Francisco.

Diante do exposto, o que se observa, é o fato de a crise econômica mundial ter encontrado o Estado de Pernambuco em excelente fase de intensidade econômica. Ressalte-se, também que o baixo grau de abertura do Estado para o mercado externo garante-lhe algumas vantagens competitivas, em detrimento de outros Estados nordestinos a exemplo da Bahia e do Maranhão, cujas exportações são fundamentais para a sustentação da economia.

Os investimentos industriais em curso permitirão efetivar e dinamizar o potencial industrial estadual. Para consolidar e maximizar os benefícios macroeconômicos desses investimentos, o grande desafio é construir uma estratégia de integração com as cadeias produtivas existentes dentro do Estado e a integração entre a grande e pequena empresa, de forma a fazer com que parte dos empregos diretos e indiretos gerados por esses grandes projetos fiquem em Pernambuco.

Nas palavras do Presidente da Refinaria Abreu e Lima, Marcelino Guedes, em Reunião do Conselho de Desenvolvimento do Estado de Pernambuco, no Recife Palace, abril de 2009. “Queremos que se origine aqui um pólo provedor global de produtos e serviços para a cadeia de petróleo, gás e off-shore. Quanto de Pernambuco tem na refinaria? Muito pouco. Temos que maximizar isso. Não podemos perder essa oportunidade. O Estado de Pernambuco tem muitos diferenciais, como a localização estratégica e boas universidades”, conclui.

3.1. O Comportamento recente do Comércio Varejista

Seguindo a tendência de todo o país a atividade do comércio varejista no Estado de Pernambuco apresentou taxa de crescimento 4,0% no período de janeiro a novembro de 2009, comparativamente a 2008, com destaque para: *combustíveis e lubrificantes (10,3%), automóveis e motocicletas (9,9%), hiper e supermercados (5,4%) (Tabela 3).*

Tabela 3 -Pernambuco -Comércio Varejista

Setores	Variação % no período			
	2008	2009		
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	6,7	1,2	2,9	4,0
Combustíveis e lubrificantes	10,2	-0,9	3,8	10,3
Hiper, supermercados	7,8	2,8	2,5	5,4
Tecidos, vestuário e calçados	-1,9	2,3	4,0	-2,2
Móveis e eletrodomésticos	14,2	-2,2	-0,1	-0,2
Comércio ampliado	6,3	3,2	3,3	5,5
Automóveis e motocicletas	4,2	7,2	7,4	9,9
Material de construção	13,0	5,0	6,8	-2,9

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados desazonalizados.

3.2. A Atividade Agrícola

A tabela a seguir apresenta projeções da Produção Agrícola realizada pelo LSPA- Levantamento da Produção Agrícola do IBGE, entre as culturas que deverão apresentar quedas em suas produções em 2009, relação a 2008, destacam-se: feijão (-14,7%), cana de açúcar (-4,1%) e uva (-2,7%). As culturas de milho, banana e tomate deverão apresentar aumento de safra (Tabela 4).

Tabela 4- Pernambuco -Produção Agrícola

Itens selecionados				
Discriminação	Peso ^{1º}	Em toneladas		Variação % 2009/2008
		Produção ^{2º} 2008	2009 ^{1º}	
Grãos				
Feijão	5,0	152	130	-14,7
Milho	3,0	178	193	8,3
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	34,3	20 273	19 444	-4,1
Uva	10,9	163	159	-2,7
Banana	6,2	412	437	6,1
Tomate	4,9	153	157	2,7

Fonte: IBGE

1º Por valor da produção – PAM 2008.

2º Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2009.

3.3. Exportação

No que diz respeito ao volume de exportações, no período acumulado de janeiro a dezembro de 2009, comparativamente ao mesmo período do ano anterior, observou-se uma retração de -12,1%. Analisando por categoria de agregação observa-se uma queda abrupta nos produtos básicos, com destaque para retração nas vendas de crustáceos de 68,3% e de uvas 36%. Incrementos positivos foram observados na venda de semi-manufaturados, com destaque para o crescimento de 64% nas exportações de açúcar bruto.

Tabela 5- Pernambuco- Exportação por Fator Agregado -FOB

Janeiro-dezembro				
Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco			Brasil
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	938	824	-12,1	22,7
Básicos	187	117	-37,4	-15,2
Industrializados	750	707	-5,8	-26,6
Semimanufaturados	181	192	5,8	-24,3
Manufaturados ^{1/}	569	515	-9,5	-27,9

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

3.4. Importação

Analisando por categorias de uso os produtos importados observa-se que as maiores retrações ocorreram nos seguintes segmentos: combustíveis e lubrificantes (37,8%), seguido de bens intermediários, 29,7% (com ênfase na retração de 32% nas importações de insumos para resina Politereftalato de etileno(PET).Importante ressaltar o incremento nas importações de bens de capital de 28,2% no ano.(Tabela 6).

Tabela 6- Pernambuco - Importação por categoria de uso - FOB

3.5. Evolução do Emprego Formal no Pós- Crise

Janeiro-dezembro				
Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco			Brasil
	2008	2009	Var. %	Var. %
Total	2 484	1 978	-19,7	-26,2
Bens de consumo	223	220	-1,4	-4,5
Duráveis	73	67	-7,3	-8,6
Não duráveis	150	152	1,5	0,9
Bens intermediários	1 541	1083	-29,7	-28,2
Bens de capital	292	374	28,2	-17,4
Comb. e lubrificantes	408	254	-37,8	-46,8

Fonte: MDIC/Secex

De acordo com dados do Ministério do Trabalho- MTE, no período de janeiro a novembro de 2009 foram criados 48,4 mil novos postos de trabalho no Estado de Pernambuco, com destaque para a indústria de transformação (28,7mil), o comércio (9,5 mil) e serviços (8,4 mil)

Tabela 7– Pernambuco- Evolução do Emprego Formal

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2008	2009			
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	45,9	-17,4	-27,9	36,3	48,4
Ind. de transformação	25,9	-5,5	-32,2	13,6	28,7
Comércio	5,8	-2,5	0,9	3,2	9,5
Serviços	8,4	-0,7	3,4	5,5	8,4
Construção civil	5,7	-0,5	0,9	2,9	7,4
Agropecuária	-0,2	-8,3	-1,2	9,0	-3,7
Serv. ind. de util. pública	0,1	0,3	0,3	1,6	-1,9
Outros ^{2/}	0,2	-0,2	0,0	0,0	0,1

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

4. Considerações Finais

A atividade econômica no Brasil no ano de 2010 já começa a apresentar um ritmo de recuperação robusta, resultado da eficácia da política macroeconômica trabalhada pelo governo. Para a economia do Estado de Pernambuco o que se espera é que a taxa de crescimento em 2010 seja em torno de 7%, desde que os cronogramas de investimentos previstos em infra-estrutura e nas atividades produtivas sejam rigorosamente cumpridos.

A trajetória de comportamento econômico do Estado depende das respostas da economia brasileira e da economia internacional. Por outro lado, como existe no Estado de Pernambuco um conjunto de projetos em fase de implantação e em operação, a taxa de crescimento esperada deverá se manter acima da média nacional. O que se espera é que em função da atuação dos bancos centrais e dos governos dos países desenvolvidos o sistema bancário global se restabeleça, com elevação da liquidez, e que as políticas fiscais e monetárias expansionistas dos países desenvolvidos consigam amenizar os efeitos adversos da crise. Este é o cenário desejado por todos.

O ano de 2010 deverá ser mais generoso com as MPEs em função da retomada do crescimento da economia brasileira.

O quadro a seguir, extraído do Boletim de Conjuntura do Departamento de Economia da UFRJ, apresenta a projeção dos principais indicadores econômicos para a economia brasileira nos anos de 2009 e 2010, sendo possível confrontar duas leituras críticas: a do

mercado, levantada pelo Banco Central e a do Grupo de Conjuntura do Departamento de Economia da UFRJ. Ambas as leituras trabalham com um cenário positivo para 2010.

Tabela 8-Projeções para 2009 e 2010

	2009		2010	
	Mercado 11/12/09	Grupo de Conjuntura	Mercado 11/12/09	Grupo de Conjuntura
PIB (%)	-0,26	-0,27	5,03	6,15
Indústria Geral (%)	-7,65	-6,73	7,00	12,61
IPCA (%)	4,31	4,30	4,50	4,70
Taxa Selic				
fim de ano	8,75	8,75	10,63	9,75
média do ano	9,81	9,81	9,69	8,92
Taxa de Câmbio				
fim de ano	1,73	1,75	1,75	1,85
média do ano	1,99	1,99	1,73	1,85
Saldo Comercial	25,00	24,10	11,30	5,90
Conta Corrente	-18,00	-22,80	-40,00	-54,90

Fonte: Banco Central e Grupo de Conjuntura